

**“Zuzu vive!”:
uma análise do discurso do *fashion film* de Ronaldo Fraga**

MARIANNA RIBEIRO PIRES*

GEORGIUS CARDOSO ESSWEIN**

Resumo: Ronaldo Fraga é reconhecido como um dos principais representantes da moda-protesto no cenário brasileiro. No ano de 2020, produziu um desfile em que encenava uma conversa com Zuzu Angel, outra importante estilista brasileira, vítima da violência de Estado promovida pelo regime militar brasileiro. Através dessa alegoria, Fraga utiliza elementos da moda para expressar seu sentimento de estagnação sobre o atual contexto político brasileiro. Este trabalho tem como objetivo analisar o discurso presente na apresentação da coleção de moda “Zuzu Vive!” (2020) de Ronaldo Fraga a partir de alguns conceitos da Análise do Discurso. Observou-se que em sua obra, Fraga estabelece uma identificação ideológica com Zuzu e a atualiza para diferentes contextos e realidade da violência de Estado no Brasil. Em relação ao *ethos* discursivo presente no *fashion film*, observa-se a intenção de emocionar e impressionar o público visando a identificação com seu posicionamento ideológico.

Palavras-chave: Análise do discurso; Moda-protesto; Ronaldo Fraga; Zuzu Angel.

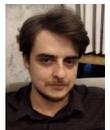
“Zuzu is alive!”: a discourse analysis about a fashion film from Ronaldo Fraga

Abstract: Ronaldo Fraga is recognized as one of the most important Brazilian stylists of fashion protest. In 2020 he produced a fashion show in which he staged a conversation with Zuzu Angel, another important Brazilian stylist, who was a victim of the violence promoted by the Brazilian military regime. Fraga uses elements of fashion, as an allegory, to express his feeling of stagnation about the current Brazilian political context. The aim of this paper is to analyse the discourse of the fashion movie “Zuzu Vive!” (2020), by Ronaldo Fraga, in dialogue with some concepts of Discourse Analysis. In his fashion show, Fraga establishes an ideological identification with Zuzu, but extends his critique to different contexts and reality of state’s violence in Brazil. Finally, it was observed that the discursive *ethos* intent to provoke emotions and impress the audience, aiming at identifying with his ideological position.

Key words: Discourse Analysis; Fashion Protest; Ronaldo Fraga; Zuzu Angel.



* MARIANNA RIBEIRO PIRES é Mestra e doutoranda em Processos e Manifestações Culturais (FEEVALE). Especialista em Modelagem do Vestuário (FEEVALE). Bacharel em Moda (FEEVALE).



** GEORGIUS CARDOSO ESSWEIN é Mestre em Psicologia e Saúde (UFCSPA), doutorando em Psicologia (UFRGS). Bacharel em Psicologia (UNISINOS).

Introdução

O atual cenário político brasileiro tem sido objeto de diversas críticas em suas mais variadas formas de expressão. A moda é uma forma de expressão que ganha destaque em eventos de grande visibilidade, tal como a São Paulo *Fashion Week* (SPFW). Um estilista que se destaca no cenário da moda-protesto no Brasil é Ronaldo Fraga, que historicamente tem produzido desfiles com apelo político. Em 2001, Fraga criou a coleção denominada “Quem matou Zuzu?”, em homenagem à Zuzu Angel, uma importante estilista brasileira que foi vítima da violência de estado cometida pela ditadura militar brasileira. Recentemente, em 2020, Fraga atualiza esse tema em um novo desfile, denominado “Zuzu vive!”. Compreendendo que estes desfiles são expressões artísticas ideológicas, este trabalho tem como objetivo analisar o discurso presente na apresentação da coleção de moda “Zuzu Vive!” (2020) de Ronaldo Fraga a partir de alguns conceitos da Análise do Discurso. Espera-se que esse trabalho contribua para uma leitura crítica da obra de Ronaldo Fraga, lançando luz sobre elementos ideológicos de sua obra.

Ronaldo Fraga e o desfile “Zuzu vive!”

Ronaldo Fraga é um estilista brasileiro, nascido em Belo Horizonte (MG) e graduado em Moda pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Dentre sua trajetória ainda destaca-se seu trabalho como ilustrador, autor de livros da área da moda, o primeiro representante da moda brasileira a receber o prêmio de Ordem do Mérito Cultural, uma homenagem do governo federal àqueles que se destacaram na difusão da cultura brasileira (JORNAL DO BRASIL, 2007).

O trabalho de Fraga se destaca pelo caráter narrativo e reflexivo de suas criações, pela abordagem social da moda e pela participação ativa em projetos e ações no campo do design (FUNDAÇÃO RENOVA, 2021). Participa de forma relevante da maior semana de moda brasileira, a São Paulo *Fashion Week* (SPFW), sendo reconhecido nacionalmente e internacionalmente, e tendo sua marca vinculada a mais de mil licenciamentos, de diferentes produtos (BONADIO, PENNA, 2016). Ao mesmo tempo, insere a moda no campo das artes e das manifestações culturais, reconhecendo e dando visibilidade aos saberes tradicionais de diferentes brasis, tal como o trabalho que desenvolve junto a comunidades de artesãos, bordadeiras e rendeiras da região do Cariri, na (PB), e com a comunidade da região de Mariana (MG).

Analisando a sua trajetória, percebe-se que Fraga construiu uma diversidade de narrativas através de suas coleções nos mais de 25 anos que vem se dedicando à moda. Em 2019, com a coleção “Guerra e Paz”, o estilista fez referência ao artista plástico brasileiro Cândido Portinari (1903-1962) ao se perguntar o que o artista pintaria sobre o Brasil atual, fazendo alusão ao governo federal, representado por elementos que remetem ao Exército e à Marielle Franco, entre outras formas de protesto. Fraga define a moda enquanto um vetor político.

No início de 2001, Fraga desenvolveu uma coleção inspirada na estilista brasileira Zuzu Angel (1921-1976), intitulada “Quem matou Zuzu?”. Nascida em Curvelo (MG), Zuleika Angel Jones, ou Zuzu, foi uma estilista e costureira. Seu nome se destaca por sua luta e moda-protesto. Uma de suas criações mais famosas é a coleção intitulada *Dateline Collection III* (1971),

apresentada em forma de desfile-protesto na embaixada brasileira em Nova York (SIMILI, MORGADO, 2015). Na ocasião denunciou, por meio das roupas, as atrocidades cometidas pela ditadura militar brasileira, que foi responsável pela tortura e morte de seu filho, Stuart Angel Jones. Anos mais tarde, a própria estilista também foi morta em um suposto acidente de trânsito, que somente em 2020 foi reconhecido como assassinato cometido pelo Estado brasileiro (BBC BRASIL, 2020).

A realização do desfile-protesto de Zuzu marcava a primeira vez que a moda era tratada com caráter social e político. A coleção trazia bordados, que embora lúdicos e infantis, expressavam a narrativa violenta que a estilista almejava contar. Canhões, fuzis, quepes militares, e um sol por trás de grades denunciavam o regime militar. Ao mesmo tempo, passarinhos e anjos representavam jovens desaparecidos políticos. Ao final do desfile, a estilista apareceu trajando preto, com cinto de crucifixos e utilizando um colar de anjo (BBC BRASIL, 2021). Segundo Andrade (2009), a partir de então, a figura do anjo passou a ser explorada de forma mais abrangente pela estilista, tornando-se a identidade visual de sua marca.

A coleção “Quem matou Zuzu?” (2001), de Ronaldo Fraga, foi a primeira homenagem de Fraga para Zuzu Angel, que obteve o significativo destaque na moda brasileira por esta coleção. No evento SPFW, Fraga apresentou em sua coleção peças com asas e auréolas de anjos, nuvens de sangue, pássaros semelhantes aos que Zuzu costumava usar em suas criações, e cenografia com

bonecos suspensos, representando a ditadura militar brasileira.

Buscando manter viva a memória de Zuzu Angel, no centenário de nascimento da estilista, vinte anos após a coleção “Quem matou Zuzu?”, Ronaldo Fraga volta a homenageá-la com “Zuzu vive!”, coleção apresentada em formato *fashion film*,¹ para a SPFW 2020, cujo desfile é objeto de análise deste estudo.

Elementos de análise do discurso para uma análise do desfile

Este trabalho ampara-se em alguns conceitos importantes da Análise do Discurso. Alguns deles, desenvolvidos pelo Círculo de Bakhtin, como suas concepções de signo, sentido, e ideologia. Na teoria de Bakhtin (PONZIO, 2008b), sentido e significado são elementos diferentes de um enunciado. Apesar de tratar-se de uma divisão unicamente teórica, pois na prática acontecem concomitantemente, são importantes para compreender quais aspectos linguísticos estão explícitos no texto analisado, e quais aspectos são interpretados a partir de um contexto histórico, social, político e ideológico.

Por texto, compreende-se o entrelaçamento de signos, tanto verbais quanto não-verbais (PONZIO, 2008b). Apesar de o signo verbal ser considerado um signo ideológico por excelência, todo signo não-verbal também se apoia em palavras (PONZIO, 2008a). Sendo assim, considerando que o corpus de análise deste estudo é composto por um vídeo, o *fashion film* “Zuzu vive”, ambos estarão sendo considerados enquanto texto.

O significado faz referência ao sinal, aos elementos linguísticos de um enunciado que podem ser segmentados e

¹ *Fashion film*, ou filme de moda, caracteriza-se por ser um vídeo curto que apresenta o conceito de determinada coleção de moda.

compreendidos de forma unidirecional. Os sinais têm funções representativas pré-fixadas. A significação é da ordem do reproduzível, do que é passível de repetição em um enunciado, pois se trata do elemento estável (PONZIO, 2008b).

Já o sentido, está relacionado ao que Bakhtin denominou como “tema”. Trata-se de unidades linguísticas completas, unitárias, irrepitíveis, resultante de interações comunicativas dadas em determinado contexto. Sendo assim, em um tema o sinal adquire o estatuto de um signo. Um signo possui um “sentido atual”, resultante da acumulação de sentidos anteriores (PONZIO, 2008b).

Para teóricos do Círculo de Bakhtin, o signo representa a realidade a partir de um ponto de vista ideológico. Ou seja, é através da expressão do signo que se revela uma forma de interpretar a realidade a partir do interesse de um grupo social. E mais do que isso, trata-se de uma forma de transmissão da ideologia (PONZIO, 2008a).

O que sustenta um signo é a sua forma ideológica. Portanto, onde há signo, há também ideologia. A ideologia, por sua vez, expressa relações histórico-materiais da humanidade, em determinado contexto sócio histórico, que são representadas através de formas sócio-históricas. Por nunca se tratar de um elemento isolado, ao considerar um signo, deve-se considerar seu contexto social, seu emissor e interlocutor (PONZIO, 2008a).

Em um enunciado, mais do que o conteúdo explícito, é possível identificar elementos presumíveis (PONZIO, 2008). O que é presumível é da ordem de atos sociais e compartilhados, e não emoções individuais. Para Bakhtin-Voloshinov (1976), emoções individuais surgem apenas como um acompanhamento do “tom básico” de

uma interpretação social. O sentido diz respeito à ordem do coletivo, pois “o eu pode realizar-se apenas sobre a base do “nós”” (BAKHTIN-VOLOSHINOV, 1976, p. 8). Portanto, o presumido é identificado mais frequentemente quando nos deparamos com fenômenos sociais e de experiência coletiva, pois se baseiam em elementos estáveis da vida social.

Cabe destacar que nem sempre os sentidos têm origem no contexto do fenômeno observado, pois por vezes estão ligados a um passado concreto. Tal processo é conhecido como exotopia (PONZIO, 2008b). Desse modo, torna-se válido analisar como os sentidos são produzidos no discurso presente em um desfile de moda, sobretudo que trata de fenômenos políticos e sociais que fazem parte da história do Brasil e que se atualizam no contexto atual.

A enunciação existe sempre em dado contexto (PONZIO, 2008b), em uma interação entre um enunciador e um alocutário (AMOSSY, 2008). De acordo com Amossy (2008), retomando a teoria de Dominique Maingueneau, a definição de *ethos* relaciona-se com a construção de uma “imagem de si”, que se desenvolve de forma articulada junto à cena de enunciação. Assim, cada tipo de discurso comporta uma distribuição preestabelecida de papéis, e o locutor escolhe de forma mais ou menos livre a sua cenografia.

Por cenografia entende-se que o enunciador, por meio da enunciação, organiza a situação de seu enunciado. Para Maingueneau (2015) todo discurso pretende suscitar a adesão dos destinatários, por meio da cenografia que o legitima. A cenografia falada deve ser a cenografia necessária para enunciar em determinado gênero de discurso, a partir de uma intencionalidade.

Se por um lado, o *ethos* está ligado ao ato de enunciação, não se pode ignorar que o público também constrói representações de *ethos* do enunciador, antes mesmo que este realize o seu discurso, o que podemos categorizar como *ethos* pré-discursivo. Mesmo que não se saiba nada previamente acerca do caráter do enunciador, o fato de pertencer a um determinado gênero ou a certo posicionamento ideológico, induz a expectativas em relação ao *ethos*. (MAINGUENEAU, 2008).

Ainda que Bakhtin dê ênfase ao caráter coletivo da produção dos sentidos, cabe destacar que existe um senso de identidade presente no desfile de Ronaldo Fraga. Tal aspecto será analisado à luz da teoria de Patrick Charaudeau (2009). De acordo com Charaudeau (2009), a identidade é o que permite que o sujeito tome consciência de si mesmo, o que se dá através da consciência de seu corpo (um “estar” no espaço e tempo) e através de seus saberes e conhecimentos sobre o mundo, suas crenças, julgamentos e ações.

A consciência identitária se estabelece na relação de diferenciação em relação a um outro. É na percepção desta diferença que se constitui a sua própria identidade, pois o sujeito passa a ser “o que não é o outro”. Essa relação se dá por meio de trocas, que fazem com que cada um dos parceiros se reconheça como semelhante ou diferente: semelhante na medida em que, parcialmente, compartilha das mesmas motivações e intenções; e diferente na medida em que cada um desempenha papéis que lhe são próprios, considerando suas singularidades e intenções distintas (CHARAUDEAU, 2009).

Para Charaudeau (2009), a identidade é composta de dados biológicos (com base no corpo), dados psicossociais atribuídos aos sujeitos (o que outros dizem que

somos) e dados construídos pelo nosso próprio comportamento (o que pretendemos ser). No entanto, dados biológicos adquirem significações que grupos sociais atribuem, que o autor divide em identidade social e identidade discursiva.

Assim, a identidade social seria aquela que tem necessidade de ser reconhecida pelos outros, o que funda a legitimidade. Por legitimidade entende-se a qualidade de quem é autorizado a agir da maneira que age. É o reconhecimento de um sujeito por outros, em nome de um valor. A identidade social pode ser atribuída de diferentes formas: em nome de um “saber-fazer” reconhecido institucionalmente ou reconhecido pela performance do indivíduo; de uma posição de poder, seja por filiação ou por atribuição; uma posição de testemunha de algum acontecimento; ou ainda uma posição de engajamento e militância (CHARAUDEAU, 2009).

Sobre a identidade discursiva, na concepção de Charaudeau (2009), esta tem a necessidade de ser construída pelo sujeito falante para responder a questão “estou aqui para falar como?” Desse modo, insere-se em um espaço estratégico de credibilidade e captação, relacionada à necessidade do sujeito falante de que se acredite nele, defendendo uma imagem de si mesmo, um *ethos*. Visando a adesão a seu discurso, o sujeito lança mão de estratégias discursivas. A captação do interlocutor vem da necessidade de o sujeito assegurar-se de que seu parceiro percebe a sua intencionalidade na troca comunicativa, ou seja, que compartilha de suas ideias, opiniões ou ainda, que se impressiona, tocado pela afetividade. A captação é efeito da persuasão (fazer pensar), ou de uma sedução (fazer sentir), evocada por emoções.

Os conceitos de signo, sentido, ideologia, *ethos* e identidade serão utilizados para análise do corpus. Trata-se de concepções importantes para compreender o caráter político e identitário da obra de Ronaldo Fraga, que lançou mão de elementos da comunicação verbal e não verbal para apresentar sua moda-protesto.

Método

Este trabalho é um estudo qualitativo, descritivo, e observacional (PRODANOV E FREITAS, 2013), que buscará analisar o *fashion film* “Zuzu Vive!”, de Ronaldo Fraga, criado para a SPFW de 2020. Para realização da análise, serão utilizados elementos da Análise do Discurso, a partir dos referenciais teóricos do Círculo de Bakhtin (1976, 2008), Mainguenu (2008, 2015) e Charaudeau (2009).

O corpus de análise refere-se ao texto do *fashion film* (considerando signos verbais e não-verbais). Enquanto procedimento, o vídeo foi assistido exaustivamente e, no decorrer de sua apreciação, foram identificados signos que marcavam posicionamentos ideológicos, relações com o atual contexto brasileiro, com desfiles anteriores, com a história de Zuzu Angel, o *ethos* do estilista e elementos que marcavam sua identidade nessa produção audiovisual.

Para apresentação do material, os resultados e discussão estão integrados em uma seção desse artigo. São apresentados trechos analisados bem como imagens importantes para a compreensão dos signos e da obra como um todo.

Resultados e discussão

A coleção de moda “Zuzu vive!” (2020) foi apresentada por Ronaldo Fraga, na 25ª edição da São Paulo *Fashion Week*, semana de moda brasileira. A

apresentação ocorreu em formato *fashion film*, com a utilização de modelos em realidade virtual, com faces representando Zuzu Angel. As modelos desfilam ao som de “Construção”, música de Chico Buarque e Miltoninho.

A narrativa desenrola-se com Ronaldo sentando à mesa para receber Zuzu Angel em sua casa, atualizando a estilista sobre a situação do Brasil e o fato de não haver muitos motivos para comemoração. Como cenário, observase objetos e iguarias dos artesãos do projeto “Minha casa em mim”, da região de Mariana (MG), além de referências do seu acervo, como o seu caderno de croquis, contendo desenhos da coleção de “Quem matou Zuzu?”. Ronaldo volta no tempo nas suas próprias criações, para então dar novos sentidos a elas, reformulando antigos desenhos da primeira coleção inspirada na estilista Zuzu.

O *fashion film* “Zuzu vive!” inicia com Fraga acendendo algumas velas, para em seguida abrir a porta para Zuzu Angel entrar em seu apartamento. A intimidade e pactuação entre Fraga e Zuzu pode ser identificada por um signo estabelecido no silêncio do estilista que, ao abrir a porta, não precisa proferir palavras para que Zuzu entre. A ausência de vocábulos marca a desnecessária formalidade que existe somente entre os mais íntimos, amigos de longa data. Aqui, pode-se relacionar a antiga relação que Fraga estabelece com Zuzu.

Em seguida, Fraga apresenta para o público quem é Zuzu Angel. A primeira apresentação refere-se a ela como costureira e mãe de Stuart, dois atributos socialmente reconhecidos como femininos. Os papéis sociais de costureira e mãe são diferentes, mas retratam uma importante parcela da população: trabalhadoras que cuidam dos filhos. Ainda, refere-se a ela como

uma grande criadora, grande pensadora e uma grande resistente. Ao refletirmos sobre quem é esta mulher, é possível estabelecer uma relação com a música “Angélica”, de Chico Buarque. A canção foi feita pelo músico em homenagem a Zuzu e marca o encerramento do desfile. O nome “Angélica” comporta o nome “Angel”.

Na narrativa, fica explícito que Zuzu está morta. Para tal afirmação são utilizados signos verbais, como quando Fraga comenta que encontrou o convite da

missa de 7º dia de sua morte, e também não-verbais, que remetem ao contexto de um funeral. A contradição desse encontro é marcante em diversos momentos, pois a mesma vela que sugere um jantar também remete ao momento de velar um defunto, reiterado por almofadas de crucifixo dispostas sobre a mesa. O signo de crucifixos faz referência ao desfile-protesto de Zuzu em 1971, assim como representa a via crucis de uma mãe em busca de notícias sobre seu filho (Figura 1).

Figura 1: Velas e crucifixos



Fonte: elaborado pelos autores a partir de MINHA CASA EM MIM (2020).

Na sequência, a câmera acompanha Fraga até a mesa, quando ele menciona que gostaria de receber Zuzu em outras condições históricas do país. Fraga indaga: “*Quem quer vir pra esse país? Quem quer vir pra esse momento? Sabe? Quem quer vir pra esse lugar plastificado? Fingindo que é isso, sabe? Que ta tudo bem? Não está tudo bem!*”. O signo que questiona as condições do país “nesse momento” já nos dá indícios de como Fraga interpreta o momento político pelo qual o país passa. Sobretudo naquilo que toca a história de Zuzu: a violência de Estado. Sobre isso, Fraga destaca com indignação: “*Nós estamos no mesmo lugar Zuzu, no mesmo lugar!*”. O mesmo lugar faz referência à repetição histórica, percebida do ponto de vista ideológico

de quem valoriza os direitos humanos e a liberdade.

A repetição da violência vivenciada por Zuzu é também marcada por outros signos verbais e não-verbais. O estilista questiona: “*Valeu a morte de um filho e de sua mãe?*”, referindo-se a ela e Stuart. O sentido produzido refere-se ao reconhecimento de que a história de Zuzu, agora legitimada, tinha o potencial de gerar mudanças.

Tais mudanças não concretizadas são também expressas na repetição de elementos de seu desfile de 2001, “*Quem matou Zuzu?*”. No desfile de 2020, o símbolo de nuvens azuis utilizado anteriormente é atualizado para nuvens pretas que chovem sangue. A atualização expressa o caráter ideológico do desfile e explicita através de uma mudança na

alegoria do tempo meteorológico a piora da violência e condições de vida que se deram ao longo do tempo cronológico. As nuvens que em 2001 foram representadas em azuis, ainda que com

chuvas de sangue, em 2020 são representadas em preto, fazendo alusão com o “tempo que fecha”, antes de uma tempestade (Figura 2).

Figura 2: Chuvas de sangue



Croqui de 2001



Croqui de 2020



Animação de 2020

Fonte: elaborada pelos autores a partir de DIAS (2017) e MINHA CASA EM MIM (2020)

A repetição da história do Brasil também é identificada através do signo: “Putz, Ronaldo, você imaginava que 20 anos depois, esse cheiro de enxofre da repressão, da ditadura estaria de volta ao poder?”. O sentido de “enxofre” indica uma relação entre a ditadura militar e um “inferno”, uma impossibilidade de vida.

Outro signo, não-verbal, também remete ao caráter apocalíptico que Fraga refere ao atual contexto político brasileiro. O estilista está sentado à mesa, enquanto a cidade ao redor está em chamas. As chamas (Figura 3) também são símbolo do atual contexto político, sobre as políticas que facilitam o desmatamento, tema já abordado na coleção “Guerra e Paz” (2019).

Figura 3: País em chamas



Fonte: elaborada pelos autores a partir de MINHA CASA EM MIM (2020).

Outro signo importante de destacar está presente no título do desfile: “Zuzu Vive!”. Fraga menciona que Zuzus continuam sendo mortas, assim como Marielles. Após os movimentos que surgiram como protesto à morte de Marielle, referir-se ao nome de uma mulher assassinada antes da palavra “Vive” nunca mais teve o mesmo sentido. Fraga evoca a presença de Zuzu enquanto uma expressão política. De uma maneira que sua morte não será esquecida e será usada para representar outras mulheres e vítimas do Estado. Apesar de não estarmos vivendo em um regime ditatorial, o atual governo federal tem explícita inspiração em regimes autoritários e opera através da necropolítica (MBEMBE, 2021). Ou seja, coloca-se na posição de ditar quem deve morrer ou permanecer vivo.

Com indignação, Fraga declara a Zuzu que “*Os seus inimigos, os nossos inimigos, estão no poder*”. Elementos presumíveis nesse signo referem-se ao posicionamento político de Fraga, em sua identificação com Zuzu, e no

estabelecimento de grupos ideológicos antagônicos, entre aqueles que estão ao lado de quem está no poder e de quem pertence ao seu oposto.

Por outro lado, também cabe aqui discutir quem é o interlocutor de Fraga. O vídeo integra a SPFW, um evento de moda restrito à imprensa de moda e compradores de multimarcas. Apenas em 2020, com a pandemia da covid-19, que a SPFW teve seu formato 100% digital, facilitando o acesso ao evento. Mas tradicionalmente, trata-se de um evento voltado à classe média e elite econômica brasileira. Portanto, é interessante notar que o grupo denominado por Fraga enquanto “nós” parece ignorar o contexto de privilégios de onde e para quem Fraga produz seu enunciado.

Durante o desfile, Fraga refere que “o anjinho de Zuzu (fazendo referência à Stuart), agora é diverso”. O sentido presente na palavra “agora” denota uma atualização do reconhecimento de diferentes corpos que são alvo da

violência de Estado. Historicamente, os corpos ditos “diversos” (minorizados) são os que mais sofreram esse tipo de violência. É através desse signo que o enunciador expressa a atualização que

ele é capaz de fazer sobre o lamento da morte do “anjinho”. Agora, os diversos corpos são contemplados: negros, indígenas e transexuais (Figura 4).

Figura 4: O anjo diverso de Fraga



Fonte: elaborada pelos autores a partir de MINHA CASA EM MIM (2020).

O “nós”, do enunciado de Fraga referido anteriormente, também se revela nos desenhos apresentados em seu caderno de croquis que aparece no vídeo. Nele, diversas mulheres de mãos dadas são ilustradas, representando graficamente o caráter ideológico dos dizeres críticos ao atual contexto político brasileiro “ninguém solta a mão de ninguém” (Figura 5). Novamente, trata-se da representação de um movimento de união em torno de um mesmo interesse ideológico à favor da vida e da diversidade. Metaforicamente, podemos pensar que os “nós” são capazes de fazer amarrações de grupos identitários e ideológicos, necessários para fazer frente ao imperativo de destruição de vidas, políticas e direitos.

Figura 5: Ninguém solta a mão de ninguém



Fonte: elaborada pelos autores a partir de MINHA CASA EM MIM (2020).

Também é possível observar algumas construções identitárias (CHARAUDEAU, 2009) no *fashion film* de Ronaldo Fraga. São elas: a identidade social legitimada institucionalmente mediante as titulações da sua formação em moda e a identidade que lhe é conferida em decorrência de sua performance e atuação na área, o que explica os prêmios que lhe foram concedidos na sua carreira; e a identidade discursiva, que lhe é atribuída em função de uma posição de engajamento e militância, quando o criador desenvolve coleções de moda como vetores políticos, tomando posições ideológicas demarcadas.

Na obra de Ronaldo Fraga, por vezes polêmica, observa-se que o *ethos* discursivo busca emocionar e impressionar seus interlocutores, seja pela contação de histórias, pelos posicionamentos políticos engajados, pelos resgates históricos de diferentes brasis, ou pelo “tom” de suas falas, quando produz seu enunciado a partir do lugar de criador e cidadão brasileiro. Assim, a captação do público ocorre pela emoção. A afetividade do *ethos* discursivo de Fraga fica evidenciada nos seguintes trechos presentes no *fashion film*: “Qual o poder da arte? E se a moda se entende ou tem uma pretensão de se entender como arte, e eu acredito na moda como arte mesmo... ela tem esse lugar, de enxergar poesia em terreno árido”; “O que é a criação para o criador senão o alimento? Aquilo que mantém com a espinha ereta para seguir adiante, para alimentar os outros?” e “Hoje o desafio do designer está em entender que a escrita está naquilo que se come, naquilo que se veste, naquilo que se mora”. Dessa forma, observa-se a intenção de orientar seu público a reconhecer seu trabalho enquanto uma produção artística, capaz de expressar emoções humanas e ideologias. A

estética textual a partir da qual explica seu posicionamento sobre a relação entre arte e moda se dá de maneira poética, contribuindo para a identificação do público com seu discurso. De fato, a obra de Fraga expressa-se muito mais do que a apresentação de uma coleção de moda, mas a coleção de um conjunto de ideologias que se manifestam a favor da vida, dos direitos, da igualdade e da liberdade.

Considerações finais

Este trabalho buscou analisar a obra de Ronaldo Fraga, “Zuzu Vive!”, à luz de conceitos da Análise do Discurso, sobretudo a partir do Círculo de Bakhtin, Maingueneau e Charaudeau. Observou-se que em sua obra, Fraga estabelece uma identificação ideológica com Zuzu e a atualiza para diferentes contextos e realidade da violência de Estado no Brasil. Foi possível perceber signos em seu desfile-manifesto que o situam politicamente em um “nós” antagonico a um regime político autoritário e simpatizante de uma lógica necropolítica. Em relação ao *ethos* discursivo presente no *fashion film*, observa-se a intenção de emocionar e impressionar o público visando a identificação com seu posicionamento ideológico. Características da construção da identidade do estilista também estão presentes, sobretudo relacionadas às legitimadas institucionalmente por sua atuação, e sobre seu posicionamento político e de militância.

As limitações desse estudo dizem respeito ao corpus de análise, considerando a extensa produção de Fraga. Sugere-se como avanço, análises da obra integral de Fraga, que para os autores do manuscrito, é um dos estilistas com maior visibilidade para representar a moda como arte e manifesto sobre o atual cenário político brasileiro.

Referências

AMOSSY, Ruth. Da noção retórica de *ethos* à análise do discurso. In: AMOSSY, Ruth (Org.). **Imagens de si no discurso**. São Paulo: Contexto, 2008.

ASSESSORIA DE IMPRENSA FUNDAÇÃO RENOVA. **Ronaldo Fraga e artesãos da coleção Minha casa em mim participam da 5ª semana criativa de Tiradentes**.

FUNDAÇÃO RENOVA. Disponível em: ><https://www.fundacaorenova.org/release/ronaldo-fraga-e-artesaos-da-colecao-minha-casa-em-mim-participam-da-5a-semana-criativa-de-tiradentes/>< Acesso em: 13 dez 2021.

BBC NEWS BRASIL. **Zuzu Angel: o centenário da estilista que lutou para descobrir destino de filho assassinado e foi morta pela ditadura**. BBC NEWS BRASIL, 2021. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-57366178>> Acesso em: 15 dez 2021.

BONADIO, Maria Claudia, PENNA, Gabriela Ordones. Conversas com Ronaldo Fraga. **IARA Revista de Moda cultura e arte (SENAC-SP)**, vol. 9, n.1, 2016 Disponível em: <http://www1.sp.senac.br/hotsites/blogs/revistaiara/wp-content/uploads/2016/09/Conversas-com-Ronaldo-Fraga_REV.pdf> Acesso em: 13 dez 2021.

CHARAUDEAU, Patrick. Identidade social e identidade discursiva, o fundamento da competência comunicacional. 2009. In: PIETROLUONGO, Márcia. (Org.) **O trabalho da tradução**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2009, p. 309-326. Disponível em: ><http://www.patrick-charaudeau.com/Identidade-social-e-identidade.html>< Acesso em: 16 dez 2021.

IBAMA, Ministério do meio ambiente. **Rompimento da Barragem de Fundão: documentos relacionados ao desastre da Samarco em Mariana/MG**. IBAMA, 2020. Disponível em: ><http://www.ibama.gov.br/cites-e-comercio-exterior/cites?id=117>< Acesso em: 13 dez 2021.

INSTITUTO MARIELLE FRANCO. **Quem é Marielle Franco?** INSTITUTO MARIELLE FRANCO. Disponível em: ><https://www.institutomariellefranco.org/quem-e-marielle>< Acesso em: 14 dez 2021.

JORNAL DO BRASIL. **Ordem do mérito cultural é entregue a personalidades e instituições**. AGÊNCIA BRASIL, 2007. Disponível em:

><https://www.jb.com.br/pais/noticias/2007/11/07/ordem-do-merito-cultural-e-entregue-a-personalidades-e-instituicoes.html>< Acesso em: 13 dez 2021.

MAINGUENEAU, Dominique. Ethos, cenografia, incorporação. In: AMOSSY, Ruth (Org.). **Imagens de si no discurso: a construção do ethos**. 1. ed. 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2008.

MAINGUENEAU, Dominique. Gênero de discurso e cena de enunciação. In: MAINGUENEAU, Dominique. **Discurso e análise do discurso**. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. São Paulo: n-1 edições, 2021.

MINHA CASA EM MIM. **Desfile Ronaldo Fraga SPFW 2020**. Youtube, 2020. Disponível em: > <https://www.youtube.com/watch?v=aILShhxoxk&t=312s>< Acesso em 14 dez 2021.

PONZIO, Augusto. Signo e ideologia. In: PONZIO, Augusto. **A revolução bakhtiniana: o pensamento de Bakhtin e a ideologia contemporânea**. São Paulo: Contexto, 2008a.

PONZIO, Augusto. Signo e sentido em Bakhtin. In: PONZIO, Augusto. **A revolução bakhtiniana: o pensamento de Bakhtin e a ideologia contemporânea**. São Paulo: Contexto, 2008b. p. 89-100.

PRODANOV, Cleber Cristiano, FREITAS, Ernani. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. Novo Hamburgo: Feevale, 2009.

SIMILI, Ivana Guilherme; MORGADO, Débora Pinguello. **Tecidos, linhas e agulhas: uma narrativa para Zuzu Angel**. **Revista Tempo e Argumento (Florianópolis)**, v.7, n.15, p.177-201. Maio/ago. 2015. Disponível em: ><https://revistas.udesc.br/index.php/tempo/artic/e/view/2175180307152015177/4664>< Acesso em: 14 dez 2021.

VOLOSHINOV, Valentin Nikolaevich; BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Discurso na vida e discurso na arte**. Sobre poética sociológica. Trad. do inglês: Carlos Alberto Faraco e Cristovão Tezza, para fins didáticos, 1976.

Recebido em 2022-01-11
Publicado em 2022-07-01